

MALALA YOUSAFZAI: UMA MEMÓRIA QUE SOBREVIVE ÀS TENTATIVAS DE MAL DE ARQUIVO E DE PULSÃO DE MORTE

Marisa Aparecida Loures de Araújo Barros (Mestranda pelo PPG em
Estudos Literários – UFJF)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar os conceitos de Mal de Arquivo e de Pulsão de Morte, explorados por Jacques Derrida no livro *Mal de Arquivo – Uma Impressão Freudiana*, aplicando-os na história de Malala Yousafzai. A paquistanesa tornou-se a mais jovem ganhadora do Prêmio Nobel da Paz, devido à luta que trava pela defesa dos direitos humanos das mulheres e do acesso à educação em sua terra natal. O atentado que quase lhe tirou a vida e os ataques que ela vem sofrendo, desde então, e que ganham repercussão na mídia, podem ser lidos como uma clara tentativa de apagamento de sua memória. Malala teve a vida narrada para crianças e adolescentes pela colunista dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* Adriana Carranca, em *Malala, a menina que queria ir para a escola*. O livro-reportagem da jornalista será o ponto de partida para a discussão sobre uma memória coletiva formada em torno da garota. Malala aprendeu a lutar pelo direito de continuar estudando, e seu ativismo não nasceu com e por causa da fama mundial, conforme relatos apurados pela jornalista com moradores de sua região. Para discutir os conceitos de Memória Individual e Memória Coletiva, buscar-se-á referencial teórico em Maurice Halbwachs. É por meio dos escritos desse autor que se pode pensar que a memória de Malala está preservada no oriente, na medida em que suas lembranças são compartilhadas por todo um grupo de meninas que foram obrigadas a deixar os bancos de uma escola.

Palavras-chave: Malala; mal de arquivo; pulsão de morte; memória coletiva.

ABSTRACT

The aim of this paper is to present the concepts of Archive Fever and Death Pulsion, explored by Jacques Derrida in the book *Archive Fever - A Freudian Impression*, applying them to the story of Malala Yousafzai. The Pakistani woman has become the youngest Nobel Peace Prize winner due to her struggle to defend women's human rights and access to education in her homeland. The attack that nearly took her life and the attacks she has been suffering since then, and which have gained repercussion in the media, can be read as a clear attempt to erase her memory. Malala had her life narrated to children and adolescents by the newspapers' *O Estado de S. Paulo* and *O Globo* columnist, Adriana Carranca, in *Malala, The Girl Who Wanted to Go to School*. The journalist's report book will be the starting point for the discussion about a collective memory formed around the girl. Malala learned to fight for the right to continue studying, and her activism was not born with or due to world fame, according to reports from the journalist with residents of her region. To discuss the concepts of Individual Memory and Collective Memory, we will seek the theoretical framework in Maurice Halbwachs. It is through the writings of this author that we can think that Malala's memory is preserved in the East, as her memories are shared by a whole group of girls who were forced to leave the benches of a school.

Keywords: Malala; archive fever; death pulsion; collective memory.

1. A VOLTA AO PAQUISTÃO

Malala Yousafzai, a mais jovem ganhadora do Prêmio Nobel da Paz, retornou ao Paquistão em março de 2018. A viagem, que contou com forte esquema de segurança, aconteceu mais de cinco anos depois do dia em que militantes do Talibá - Movimento Fundamentalista Islâmico Nacionalista - deram um tiro na cabeça dela, tentando impedi-la de continuar na luta pelo direito das meninas de irem à escola. Desde que deixou o Vale do Swat, sua região natal, Malala brada que seu sonho era poder retornar à sua terra. Há mais de 2 mil anos povoado pelos pashtuns, como Malala, o vale sempre foi uma região conservadora do país islâmico, mas o governo assegurava às meninas o acesso à escola. No entanto, a partir de 2007, o Talibá ocupou o lugar, ameaçando quem fosse contra as tradições islâmicas mais radicais.

A educação tornou-se alvo frequente da organização, que ordenou o fechamento de colégios para meninas. Mas, Malala, assim como outras garotas da região, resistiam e persistiam na busca pelo direito de estudar, até que, no dia 9 de outubro de 2012, ela quase perdeu a vida em Mingora. O trabalho tem como meta mostrar que os conceitos de Mal de Arquivo e Pulsão de Morte, explorados por Derrida, no livro *Mal de arquivo – Uma Impressão Freudiana*, podem ser aplicados na história da ativista, visto que o dia do atentado e os ataques que a garota vem sofrendo, desde então, e que ganham repercussão na mídia, podem ser lidos como uma clara tentativa de apagamento de sua memória. Uma memória compartilhada com outras tantas meninas do Paquistão, conforme pode ser observado através do trabalho da jornalista Adriana Carranca no livro-reportagem voltado para crianças e adolescentes *Malala, a menina que queria ir para a escola*. Carranca montou sua narrativa a partir de relatos coletados com amigos de Malala, além de moradores da região. Portanto, é justo iniciar o estudo a partir da contribuição que esse livro traz para a construção de uma memória coletiva em torno da figura da garota paquistanesa.

Como referencial teórico para a discussão acerca da criação dessa memória coletiva, o presente artigo apoia-se nos conceitos de Memória Individual e Memória Coletiva, apontados

no livro *A memória coletiva*, de Maurice Halbwachs. É por meio dos estudos desse autor que se pode pensar em uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, pois “mesmo que aparentemente particular, a memória remete a um grupo, e o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo em sociedade.” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Portanto, à luz da teoria de Halbwachs e através de uma das possíveis leituras da obra de Adriana Carranca, pode-se perceber, por meio dos depoimentos coletados pela jornalista, que a causa de Malala não é só dela, mas de todo um grupo de meninas que foram obrigadas a deixar os bancos de uma escola.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Como já foi exposto, para traçar um estudo sobre os conceitos de Mal de Arquivo e de Pulsão de Morte, buscar-se-á referencial teórico em *Mal de arquivo – Uma Impressão Freudiana*, obra na qual Derrida (2001) explora o duplo sentido da raiz da palavra arquivo, como origem e comando ou poder de uma autoridade. Associando a noção de arquivo com a memória (pessoal e histórica), o autor afirma que existe uma frequente tensão entre a manutenção e a repressão (consciente ou inconsciente) da memória. E a pulsão de morte está em permanente movimento: cuidando do arquivo e, ao mesmo tempo, tentando levá-lo ao esquecimento.

Como a pulsão de morte é também, segundo as palavras mais marcantes do próprio Freud, uma pulsão de agressão e de destruição (*Destruktion*), ela leva não somente ao esquecimento, à amnésia, à aniquilação da memória como *mneme* ou *anamnesis*, mas comanda também o apagamento radical, na verdade, a erradicação daquilo que não se reduz jamais à *mneme* ou à *anamnesis*; a saber, o arquivo, a consignação, o dispositivo documental ou monumental como *hupomnema*, suplemento ou representante mnemotécnico, auxiliar ou memento. Pois o arquivo, se esta palavra ou figura se estabiliza em alguma significação, não será jamais a memória nem a *anamnese* em sua experiência espontânea, viva e interior.

Bem ao contrário: o arquivo tem lugar em lugar da falta originária e estrutural da chamada memória. (DERRIDA, 2001, p. 22).

Deve-se salientar que o enfoque do presente trabalho é pertinente na medida em que números alarmantes mostram a importância da causa de Malala Yousafzai. Segundo o relatório *Education Under Attack*, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco)¹, publicado em 2010, durante um conflito entre o Exército do Paquistão e os talibás, ao todo, mais de 400 escolas foram destruídas e 600 mil crianças ficaram sem aula. O medo continuou até que as instituições de ensino cerraram suas portas.

O Paquistão é um dos três países que têm mais de um milhão de garotas em idade escolar fora do colégio, com cerca de três milhões de meninas com seu direito à educação violado, conforme revelam dados divulgados pela Unesco em 2012. Elas representam 56% das crianças fora da sala de aula. O estudo ainda aponta que, entre as jovens mulheres da região que têm entre 15 a 24 anos, cerca de 6,7 milhões estão fora da escola. Das adultas, apenas 42% sabem ler e escrever.

Conforme Estudo da Unesco, divulgado em conjunto pelo Instituto de Estatística da Unesco e pelo Relatório de Monitoramento Global de Educação, em 2016, 263 milhões de crianças e jovens de todo o planeta estavam fora da escola. O documento aponta que 61 milhões de crianças estão longe do ensino primário (6 a 11 anos), 60 milhões não frequentam o ensino fundamental (12 a 14 anos) e 142 milhões de jovens de 15 a 17 anos não estudam. Os maiores obstáculos para limitar o acesso à educação, segundo o documento, estão ligados a gênero, localização, riqueza e conflitos armados. De acordo com o estudo, 15 milhões de meninas nunca tiveram a chance de aprender a ler ou a escrever no ensino primário.

¹O relatório *Education Under Attack*, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), está disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001868/186809e.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

2. UMA ADOLESCENTE ATIVISTA

Malala Yousafzai é filha de Tor Pekai e de Ziauddin Yousafzai, dono da Escola Khushal, a maior do vale. Dessa forma, Malala foi nascida e criada em meio aos corredores da instituição. Suas notas nas provas eram as maiores.

Como Ziauddin fundou o Conselho de Paz Global, que lutava para manter a paz na região, a filha o acompanhava em protestos, reuniões e eventos públicos. Ela estava sempre atenta aos movimentos do pai. Formou-se uma adolescente de opiniões fortes e contundentes, que questionava alguns dos costumes impostos às mulheres na região. “Como lia muito, Malala sabia muito também. Por isso, quando falava, todos a ouviam. Era com ela que o pai gostava de discutir política. Malala tinha opinião sobre tudo”, conta Adriana Carranca, em *Malala, a menina que queria ir para a escola*. (CARRANCA, 2015, p. 34).

“As meninas da nossa sociedade são muitas vezes intimidadas. Elas não falam, não dividem seus sonhos, aspirações e ambições, porque suas vidas são definidas pelos pais e elas não têm escolhas. É raro para uma menina pashtun das áreas tribais ter permissão do pai para estar entre homens adultos e, se estiver, ficará calada em um canto e só responderá a perguntas feitas diretamente a ela. Malala era diferente. Você podia ver que ali estava alguém que queria mais da vida. Isso podia ser visto desde que ela tinha dez ou onze anos. Era uma criança extraordinária”, me disse o príncipe Adnan durante nossa conversa em sua casa. (CARRANCA, 2015, p. 31).

Quando os talibãs começaram a instalar o medo em Mingora, cidade de Malala, a garota paquistanesa passou a escrever para um blog, a convite da Rede Inglesa de Televisão e Rádio BBC, denunciando a repressão vivida no Swat. “Malala escrevia com um refinamento surpreendente para uma menina da zona tribal, o que ajudou a chamar atenção para os problemas do vale.” (CARRANCA, 2015, p. 47).

Protegida pelo anonimato, a menina relatava, corajosamente, todos os dramas vivenciados na região. Contudo, ao ter a identidade revelada, Malala passa a ser perseguida e, naquele 9 de outubro de 2012, quando estava em um ônibus escolar, ela sofre um atentado. Uma das balas atingiu o lado esquerdo da testa e percorreu o interior da pele, ao longo da face até o ombro. Manteve-se inconsciente e em estado grave. Depois de um longo período

entre a vida e a morte, ela foi exilada, com toda a família, em Londres, onde concluiu o Ensino Médio e conquistou uma vaga na Universidade britânica de Oxford, na Inglaterra.

3. ADRIANA CARRANCA E SUA NARRATIVA HUMANIZADA

Como repórter especial do jornal *O Estado de S.Paulo*, Adriana Carranca escreveu para publicações internacionais, como a revista americana *Foreign Policy* e a edição francesa *Slate*. Ela é conhecida, principalmente, por escrever sobre conflitos, tolerância religiosa e direitos humanos. Também cobriu a guerra no Afeganistão e Paquistão, à época em que Osama bin Laden, líder da Al-Qaeda, foi morto em uma operação dos Estados Unidos.

Ela contou em entrevista ao Sala de Leitura², coluna semanal publicada no jornal Tribuna de Minas de Juiz de Fora, que, quando decidiu descobrir o que aconteceu, de verdade, com Malala, a ideia dela era escrever um livro voltado para o público adulto. Ela usaria a história da garota paquistanesa que havia sofrido um atentado há poucos dias para falar sobre a guerra do Afeganistão que tinha vazado para além da fronteira para o lado paquistanês. Foi no dia seguinte em que ela publicou uma matéria sobre o atentado de Malala que a editora Companhia das Letras fez o convite para a empreitada do livro.

Ela diz na obra que a missão de viajar até o Vale do Swat era perigosa, pois o território estava proibido para jornalistas (CARRANCA, 2015, p.7). Por isso, para conseguir se infiltrar melhor e não chamar atenção dos Talibás, ela decidiu vestir-se como as mulheres locais. Lá, ela se hospedou na casa de um tradutor. Embora os livros de jornalismo preguem que o profissional deva manter total distanciamento em relação a suas fontes, Adriana envolveu-se, diariamente, com várias delas com o objetivo de mergulhar no cotidiano daquela sociedade. Brincava com as oito crianças que moravam na casa onde se hospedou, sentava-se no fogo para ouvir histórias sobre o Vale e conviveu com as meninas da escola de Malala.

²LOURES, Marisa. Entrevista com Adriana Carranca, jornalista. *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, 14 jul. 2015. Disponível em <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/14-07-2015/entrevista-com-adriana-carranca-jornalista.html>. Acesso em: 15 fev.2018.

Foi nesse cenário que surgiu a ideia de transformar o livro em uma publicação voltada para o público infantil. “Um livro com muita fantasia, que parece de mentira, mas é tudo verdade”, comenta a jornalista em entrevista para o Sala de Leitura. Ao registrar as memórias de Malala e dos moradores do Swat, Adriana Carranca lançou mão de um texto mais humanizado, longe da técnica seca e objetiva que recheia as páginas diárias dos jornais. Aqui, vale trazer a jornalista Fabiana Moraes (2015), autora do livro *O nascimento de Joicy* (2015), para quem, ao lado das exigências técnicas e vitais que formam o lastro do jornalismo, não se pode perder de perspectiva que emoção também é informação.

Talvez ainda presos a um paradigma tão heroico quanto o da objetividade que quer se transmutar em verdade, deixamos de simplesmente reconhecer e trazer para a prática e para a escrita jornalística aquilo que foi abraçado sem medo pelo cineasta Eduardo Coutinho em seus documentários. Em uma entrevista, ele sintetiza: "Eu não filmo apenas pessoas, filmo uma relação entre mim e o entrevistado." Significa dizer que, para dar conta de uma escrita que tente captar as pessoas em sua integralidade, o jornalista precisa estar também aberto ao que acontece enquanto ele se aproxima do personagem, ao potencial transformador desse encontro. Sem estar aberto à compreensão de suas próprias limitações e contentando-se em escrever o já previamente e precariamente escrito, aquilo que, em lugar de transformar, mistifica, ele perde a chance de promover a ação do próximo - e de si mesmo. (MORAES, 2015, p.26).

Em vários trechos do livro, Adriana Carranca não poupa adjetivos, normalmente distantes de um texto de jornal, ao contar a história de Malala. Sua atitude deixa transparecer que ela se coloca ao lado da menina. “E o que fazia Malala ser tão especial? O querer saber, oras. Às vezes, ela perguntava às pessoas, outras aos livros, mas não ficava sem resposta. Era essa vontade grande de saber que a fazia especial.” (CARRANCA, 2015, p. 345)

Ao escrever sobre a vida de Malala sob a forma de uma grande reportagem, Adriana Carranca não economizou nos recursos para ressignificar sua produção jornalística, utilizando um texto repleto de figuras de linguagem, próprias da literatura. Contudo, os relatos que chegam até os leitores, no romance-reportagem, não perdem em qualidade de informação, pois confia-se que entrou em questão, senão o critério da tão almejada imparcialidade, a busca por um relato humanizado e a serviço de um trabalho mais bem apurado e profundo.

Ela constrói uma narrativa em forma de uma conversa com o leitor, em primeira pessoa, como se estivesse contando uma história, diferente do que é encontrado nas notícias diárias de um jornal. Deve-se dizer que seu trabalho derruba o discurso de que jornalismo sério tem que estar atrelado à objetividade.

4. A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA COLETIVA EM TORNO DE MALALA

Ao querer fugir da técnica seca do jornalismo diário, é comum que o repórter produza um texto mais humanizado, no qual os personagens não sejam coisificados, tratados como produtos para segurar a audiência ou conseguir o furo almejado no dia a dia. E, levados por esse desejo de humanização, talvez não intencionalmente, o repórter aproxima-se e aproxima o leitor da dor do outro, como pode ser visto em *Malala, a menina que queria ir para a escola*. Não só nas páginas do livro, mas em entrevista para o Sala de Leitura, Adriana Carranca deixa transparecer seu posicionamento a favor da paquistanesa. “Minha história é a de uma heroína moderna, da menina que não queria se casar e se realizar por um príncipe encantado, mas ir para a escola e aprender a se realizar por ela própria”.³

Um estudo mais profundo da obra de Carranca demanda um trabalho de dimensões mais abrangentes, mas, a partir de uma das possíveis leituras, o leitor é levado a acreditar que Malala continua viva na memória coletiva do Paquistão e segue simbolizando os ideais de tantas meninas paquistanesas que passam pelo mesmo que ela todos os dias. Suas marcas não foram apagadas em sua terra e, logo, suas memórias encontram ecos nas memórias de suas companheiras, indo ao encontro do que apresenta, a respeito do conceito de memória coletiva, o teórico Maurice Halbwachs.

Assim que evocamos juntos diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos), conseguimos pensar, nos recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior

³LOURES, Marisa. Entrevista com Adriana Carranca, jornalista. *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, 14 jul. 2015. Disponível em <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/14-07-2015/entrevista-com-adriana-carranca-jornalista.html>. Acesso em: 15 fev.2018.

intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. Nós os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro. (HALBWACHS, 2006, p. 29 e 30).

Talvez como que a justificar a bandeira de Malala e, de certa forma, mostrar que sua causa também é ou já foi a causa de seu país, no capítulo dois, a jornalista descreve uma foto em que está a filha do general Ayub Khan, ex-presidente do Paquistão. Ela ressalta que a moça “cumprimenta as alunas de uma escola, quando as meninas ainda podiam estudar com segurança” (CARRANCA, 2015, p.13). Mais à frente, evidenciando que heroínas como Malala já existiram por lá e parecem ter o mesmo triste destino, ela narra a história de Benazir Bhutto, enfatizando que ela se tornou a primeira mulher a assumir o posto mais alto de um país muçulmano, o de primeira-ministra do Paquistão. Todavia, “os mesmos homens que perseguiram Malala tampouco a deixavam em paz, até que um dia ela não conseguiu escapar das garras deles. Benazir Butto morreu em um atentado à bomba” (CARRANCA, 2015, p. 14).

Ao fechar o capítulo, Adriana ainda relata que o Swat já teve um wali, líder do principado, equivalente a um rei, e que ele via importância na educação, sendo responsável pela abertura das primeiras escolas para meninas no vale. “Mas isso foi antes da guerra e de as meninas serem proibidas de estudar” (CARRANCA, 2015, p. 16), lamenta a jornalista, demonstrando, mais uma vez, que Malala não conduz uma luta só sua.

Seguindo em frente, ela traz a história de Razia, membro da família que a hospedou para que pudesse mergulhar na história da garota paquistanesa. Adriana comenta que ela é analfabeta e se casou com Sana aos 15 anos. No entanto, sua filha não queria se casar jovem como a mãe. “Assim como Malala, ela queria ir para a escola.” (CARRANCA, 2015, p. 27).

Neste ponto, vale afirmar que Halbwachs diz que é preciso que a memória individual seja relatada para que um fato se perpetue e se torne memória para um grupo. Ele defende que é preciso conseguir rememorar os testemunhos exteriores “para que ele vire uma consistente massa de lembranças.” (HALBWACHS, 2006, p. 33).

(...) quando as imagens se fundem muito estreitamente com as lembranças e parecem tomar sua substância emprestada a estas, é porque a nossa memória não estava como uma *tabula rasa*, e nós nos sentíamos capazes de nelas distinguir, por nossas próprias forças, como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos (talvez ilusórios) que a imagem do passado nos trazia. (HALBWACHS, 2006, p. 32).

Ele ainda acrescenta que

Ao contrário, quando uma cena parece não ter deixado nenhum traço em nossa memória, se na ausência dessas testemunhas nos sentimos completamente incapazes de reconstruir qualquer parte dela, os que um dia a descreveram poderão até nos apresentar um quadro muito vivo da cena – mas este jamais será uma lembrança. (HALBWACHS, 2006, p. 33).

Conforme Halbwachs, uma vez que as memórias são construídas por pessoas que vivem em sociedade, as lembranças nunca poderão coexistir de maneira apartada do coletivo. Portanto, as memórias de um indivíduo nunca são somente dele e não lhe será permitido recordar-se de fatos de um grupo com o qual suas lembranças não se identificam.

Que importa que os outros estejam ainda dominados por um sentimento que outrora experimentei com eles e já não tenho? Não posso mais despertá-lo em mim porque há muito tempo não há nada mais em comum entre mim e meus antigos companheiros. Não é culpa da minha memória nem da memória deles. Desapareceu uma memória coletiva mais ampla, que ao mesmo tempo compreendia a minha e a deles. (HALBWACHS, 2006, p. 39 e 40).

Mas o estudioso reforça que, do contrário, caso exista elo entre os participantes, a memória de um grupo permanecerá viva e, somente assim, uma lembrança será reconhecida e construída. No caso da paquistanesa, o elo é a luta pelo direito à educação.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazemos recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Continuando a percorrer o livro de Adriana Carranca, o leitor encontra relatos de meninas bem próximas à Malala e constata que a luta da ativista em prol da educação mantém-se viva. Quando Malala foi baleada, ao lado dela, estava Shazia. A menina também foi atingida pelo tiro e tinha acabado de sair do hospital à época em que Adriana foi até sua casa. A jornalista relata que ela estava abalada, com o coração acelerado e que confessou que ainda tinha medo. Apesar disso, tornava-se forte a cada dia. Chamaram atenção de Adriana Carranca os planos que ela fazia para o futuro: “(...) já tinha outros sonhos: três, para ser exata. O primeiro era voltar a estudar, o segundo tornar-se médica, e o terceiro, ajudar outras meninas a ir para a escola.” (CARRANCA, 2015, p. 71).

Ao visitar a Escola Khushal, onde Malala estudava, Adriana descobriu pelas alunas que, lá, “Malala era a mais sabida, a mais valente, a mais falante” (CARRANCA, 2015, p. 32). O lugar onde a menina sentava estava vazio, e Moniba, sua melhor amiga, havia talhado o nome da garota na carteira onde sentavam juntas. Ela havia decretado que o lugar só seria ocupado quando Malala voltasse. Um grande cartaz com uma foto de Malala ocupava o terraço e, por toda parte, mensagens de apoio à ativista davam conta de que a força e a coragem da garota que enfrentou a ira dos talibás por querer ir à escola eram de todos.

As lembranças que ficaram na memória de Malala são compartilhadas com Shazia, com Moniba, mas também com Kainat, outra menina baleada ao lado da ativista no dia do atentado cometido pelos talibás. Assim como Shazia, ela também não tinha permissão para sair de casa. De acordo com Adriana, somente uma vez, depois de 24 dias, Kainat pôde visitar os colegas da Escola Khushal, a mesma de Malala. Embora ela não tivesse voltado para o colégio, ela fazia questão de continuar estudando, ajudada pelo pai, professor do Ensino Fundamental.

Temia que o homem que atirou nela, em Shazia e Malala voltasse para garantir que jamais fossem para a escola de novo. Mas algo de mágico havia acontecido. — Por causa desse incidente, tomei coragem para lutar por educação! Se for da vontade de Deus, ninguém vai me impedir de realizar meus sonhos. (...) — O Corão diz que a educação é compulsória para meninos e meninas. Talib quer dizer estudante —. A educação nos afasta de males e demônios e nos leva na direção certa. (...) — O que eu gosto muito em Malala é que ela continuou brigando e insistindo em advogar por educação, mesmo sabendo que corria riscos. Admiro o seu jeito. Isso

nos dá coragem agora — prosseguiu Kainat, enquanto me mostrava fotos da amiga que guardava em um velho computador. (...) — Diga às meninas de todo o mundo que se tornem Malalas e lutem por educação até que todas possam ir para a escola. (CARRANCA, 2015, p. 74 e 75).

5. MAL DE ARQUIVO E PULSÃO DE MORTE

Não se pode também fechar os olhos para o que o historiador francês Jacques Le Goff (2003) diz sobre memória coletiva. Ele reconhece que ela é passível de manipulação nas lutas pelo poder. Por isso, não raramente, os testemunhos são perseguidos e são descartados por instâncias de poder que não querem que eles venham a público, como ocorre com Malala. “Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (LE GOFF, 2003, p.422). Tornou-se alvo dos talibãs não só a ativista, impedida de voltar a seu país, mas suas amigas que também foram vítimas da crueldade do grupo extremista.

Assim sendo, neste momento, deve-se evocar os conceitos de Mal de Arquivo e de Pulsão de Morte, discutidos pelo filósofo Jacques Derrida. *Mal de Arquivo – Uma Impressão Freudiana* é uma conferência de Derrida pronunciada em Londres, no dia 5 de junho de 1994, no colóquio internacional “Memória, a questão dos arquivos”. Ela foi organizada por iniciativa de René Major e Elizabeth Roudinesco e patrocinada pela Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise, do Museu Freud e do Instituto de Arte Courtauld. Nela, o filósofo explora o duplo sentido da raiz da palavra “arquivo”, como origem e comando ou poder de uma autoridade.

O autor argumenta, ao relacionar a noção de arquivo com a memória (pessoal e histórica), que há uma constante tensão entre a manutenção e repressão (consciente ou inconsciente) da memória. Segundo ele, o mal de arquivo estaria ligado à pulsão de morte, ao apagamento da memória, e suas consequências podem ser psíquicas, sociais e políticas.

Já o que se entende por “arquivo” possibilita perceber o duplo aspecto explorado por Derrida, em *Mal de arquivo – Uma Impressão Freudiana*, pois esse vocábulo pressupõe um conjunto de documentos que são mantidos sob a guarda de uma entidade/sujeito. Portanto,

tem-se aí, claramente, o desejo de se preservar a memória através do arquivamento de registros e a necessidade de uma instituição que será responsável pelo arquivo. Cabe a ela o poder de decidir o que entra e o que fica fora do acervo e de zelar por ele. Deve-se destacar que a própria constituição de um arquivo gera um poder sobre um documento e sobre sua interpretação, portanto, esses processos não se dão de maneira ingênua ou neutra.

Não começo pelo começo, nem mesmo pelo arquivo. Mas pela palavra “arquivo” – e pelo arquivo de uma palavra tão familiar. *Arkhe*, lembremos, designa ao mesmo tempo o começo e o comando. Este nome coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio da natureza ou da história, ali onde as coisas começam - princípio físico, histórico ou ontológico -, mas também o princípio da lei, ali onde os deuses comandam, ali onde se exerce a autoridade, a ordem social, nesse lugar a partir do qual a ordem é dada – princípio nomológico. (DERRIDA, 2001, p. 11).

Em grego, *arkheion* refere-se à residência dos magistrados superiores, os arcontes, aqueles que comandavam, que tinham o poder político, podendo fazer ou representar a lei. O termo também pode ser usado no sentido de lugar onde os documentos eram guardados ganhando o poder de interpretá-los. Ao longo de *Mal de arquivo – Uma Impressão Freudiana*, Derrida continua a análise do poder arcôntico, com suas atribuições de unificação, identificação e consignação. Conforme o interesse de quem detém o poder, esses processos podem servir tanto para abrigar quanto para dissimular. Vê-se aí que a constante tensão entre a manutenção e a repressão da memória decorre de uma relação entre o poder e o arquivo.

Para Derrida, a ligação entre arquivo e poder remete à pulsão de morte. O poder está arquivando e destruindo o arquivo, como a própria pulsão de morte, que está permanentemente arquivando, tirando da vida e tentando destruir o próprio arquivo, a própria lembrança, de maneira sutil e silenciosa. A repressão está permanentemente possibilitando o mal de arquivo, o esquecimento, o apagamento da memória. Daí Derrida diz que “A pulsão de morte não é um princípio. Ela ameaça de fato todo o principado, todo primado arcôntico, todo desejo de arquivo. É a isto que mais tarde chamaremos de mal de arquivo” (Ibid., p. 23).

Diz Derrida sobre a pulsão de morte:

Ela trabalha para destruir o arquivo: com a condição de apagar mas também com vistas a apagar seus “próprios” traços- que já não podem desde então serem chamados “próprios”. Ela devora seu arquivo, antes mesmo de tê-lo produzido externamente. Esta pulsão, portanto, parece não apenas anárquica, anarcônica (não nos esqueçamos que a pulsão de morte, por mais originária que seja, não é um princípio, como o são o princípio do prazer e o princípio de realidade): a pulsão de morte é acima de tudo, anarquívica, poderíamos dizer arquiviolítica. Sempre foi, por vocação silenciosa, destruidora do arquivo. (Derrida, 2001, p.21).

É preciso voltar a 9 de outubro de 2012, quando Malala foi baleada, para perceber ali uma tentativa de Mal de Arquivo. Os dias que antecederam ao atentado eram sombrios, pois as meninas estavam sendo impedidas de frequentar a escola. Os livros eram escondidos debaixo de suas roupas para que ninguém os visse. A essa altura, já era do conhecimento de todos que Malala era a voz que denunciava, no blog da BBC, as condições do Vale sob o regime do Talibã. Acabar com a vida dela, certamente, era condição necessária para apagar o registro do que ela representava.

Todavia, por causa do seu ativismo, Malala ficou famosa no mundo inteiro e, ironicamente, o atentado que quis provocar seu esquecimento fez sua voz chegar ainda mais longe, conforme escreve Adriana Carranca, em *Malala, a menina que queria ir para a escola* (CARRANCA, 2015. p. 79). Ainda durante o período em que ela estava inconsciente, seis dias após o crime, a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou a petição “Eu sou Malala”, pressionando o governo paquistanês e condenando a discriminação contra a educação para meninas. Depois disso, foram surgindo entrevistas e mais entrevistas, produção de documentário sobre sua vida, publicação de livro infantil, publicação de livro adulto e outras ações que foram, dia após dia, aumentando a popularidade da garota.

No entanto, as tentativas de provocar o esquecimento da memória de Malala e do que ela representa na tarefa de defender os direitos humanos das mulheres e do acesso à educação no Vale do Swat não pararam por aí. Matéria publicada no jornal *O Globo*, em 13 de novembro de 2014, com o título “Escolas no Paquistão criam dia de ataque a Malala

Yousafzai”, diz que Malala é “considerada um símbolo das influências ocidentais negativas”. O mesmo texto traz a informação de que um mês após ter sido agraciada com o Nobel da Paz pelo trabalho na promoção da educação das meninas, um grupo de escolas no Paquistão anunciou o “Dia eu não sou Malala”, fazendo referência ao livro *Eu sou Malala*⁴. Segundo o movimento, essa publicação deve ser banida. A ativista é acusada de promover uma ideologia contrária a seu país e sua religião.

Matéria mais antiga, de 22 de outubro de 2013, publicada em *O Globo*, com o título de “Malala heroína? Não no Paquistão”, traz críticas também fortes à menina. Cidadãos afeitos a teorias conspiratórias chegam a tachá-la de ser agente da Cia e acusam-na de participar de uma conspiração ocidental contra o Paquistão. Para uma estudante da Universidade Punjab, em Lahore, o atentado a ela nunca aconteceu. “Como uma garota poderia sobreviver depois de levar um tiro na cabeça?”⁵, perguntou ela. Segundo a reportagem, a reação parece ter origens diferentes. Enquanto alguns acusam o pai de Malala de ter usado a filha para difamar a cultura pashtun, outros dizem que a localidade foi mostrada sob uma ótica negativa, deixando os trabalhos positivos feitos em favor da educação em segundo plano.

Qualquer passo dado por Malala ajuda a esquentar ainda mais as teorias conspiratórias em torno dela, como o fato de ela ter optado por uma educação inglesa. No final de 2017, por exemplo, a ativista foi alvo de críticas na mídia paquistanesa por aparecer de jeans e salto alto na universidade. A autora do presente artigo acredita que o lugar que melhor cabe à ativista é o de vítima, já que boa parte de sua história é silenciada. Em entrevista à BBC em outubro de 2013, ela nega ser fantoche do Ocidente e reafirma o orgulho de ser paquistanesa.

⁴ Obra publicada, em 2013, por Malala em parceria com a jornalista britânica Christina Lamb. O livro acompanha a infância da menina, os primeiros anos de vida escolar, as asperezas da vida numa região marcada pela desigualdade social e o medo imposto pelo Talibã.

⁵MASOOD, Salman; WALSH, Declan. Malala heroína? Não no Paquistão. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 out. 2013. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/10/1358829-malala-heroína-nao-no-paquistao.shtml>. Acesso em: 15 fev. 2018.

“Meu pai diz que a educação não é nem do Oriente, nem do Ocidente. A educação é a educação e ponto final: é o direito de todos”, dispara a menina.⁶ “As pessoas no Paquistão me apoiam. Não me considero uma Ocidental, sou uma filha do Paquistão e estou muito orgulhosa de ser paquistanesa”, acrescenta, ressaltando que, no dia seguinte ao atentado contra sua vida, as pessoas seguravam cartazes nos quais estava escrito ‘Sou Malala’. “Não disseram ‘sou talibá’. Elas me apoiam e me encorajam a seguir adiante, a continuar com minha campanha a favor da educação das meninas”, completa.

6. CONCLUSÃO

Por meio de um breve estudo do livro de Adriana Carranca *Malala – a menina que queria ir para a escola*, pôde-se perceber que a ativista continua fazendo parte da memória coletiva das meninas paquistanesas, na medida em que suas lembranças são compartilhadas por suas companheiras e por moradores do Vale do Swat. O ativismo de Malala encontra ecos nas recordações e nos anseios daquelas meninas que estavam com ela no dia do atentado e de tantas outras meninas que querem estudar.

Quem garante que o discurso de ódio disseminado contra Malala, acusando-a de difundir a ideologia ocidental, não tenha sido implantado por forças que têm o objetivo de enfraquecer sua luta? Se antes Malala lutava pelo direito dela e de outras meninas paquistanesas de irem à escola, hoje, por meio do Fundo Malala⁷, ela defende que meninas e meninos de todo o globo tenham a capacidade de mudar o mundo. Sua luta, há tempos, ultrapassou as fronteiras do Paquistão.

O tiro que quase tirou a vida dela é uma prova viva de uma tentativa de Mal de Arquivo. Ali está presente a Pulsão de Morte, pois se vê que existem interesses em apagar o registro de sua luta. Não se vê aí uma operação ingênua ou neutra, e, sim, uma vontade de provocar o esquecimento e aniquilar a memória construída em torno de Malala Yousafzai. Fica claro

⁶MALALA Yousafzai nega ser fantoche nas mãos do Ocidente. *GI*, Rio de Janeiro, 13 out. 2013. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/10/malala-yousafzai-nega-ser-fantoche-nas-maos-do-ocidente.html>. Acesso em: 15 fev. 2018.

⁷Organização criada em 2012 que luta pela educação e inclusão das mulheres.

como a pulsão de morte está o tempo todo cuidando do arquivo e tentando destruí-lo, em um movimento permanente. Procurando levar tudo ao nada.

REFERÊNCIAS

CARRANCA, Adriana. **Malala, a menina que queria ir para a escola**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2001.

263 milhões de crianças e jovens estão fora da escola do ensino primário ao secundário. **Unesco**, 15 jul. 2016. Disponível em: http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/263_million_children_and_youth_are_out_of_school_from_primar. Acesso em: 15 fev. 2018.

ESCOLAS no Paquistão criam dia de ataque a Malala Yousafzai. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 nov.2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/escolas-no-paquistao-criam-dia-de-ataque-malala-yousafzai-14549562>. Acesso em: 15 fev.2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

LOURES, Marisa. Entrevista com Adriana Carranca, jornalista. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 14 jul. 2015. Disponível em <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/14-07-2015/entrevista-com-adriana-carranca-jornalista.html>. Acesso em: 15 fev.2018.

MACEDO, Sivana. Mal de arquivo: a dinâmica do arquivo na arte contemporânea. **Crítica Cultural**, Santa Catarina, v.4, n.2, 2009. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/141/155. Acesso em: 15. fev. 2018.

MALALA Yousafzai nega ser fantoche nas mãos do Ocidente. **G1**, Rio de Janeiro, 13 out. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/10/malala-yousafzai-nega-ser-fantoche-nas-maos-do-ocidente.html> . Acesso em: 15 fev. 2018.

MASOOD, Salman; WALSH, Declan. Malala heroína? Não no Paquistão. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 out. 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/10/1358829-malala-heroína-nao-no-paquistao.shtml>. Acesso em: 15 fev.2018.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**. Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

PEREIRA, Elenita Malta; WEBER, Regina. Halbwachs e a Memória: Contribuições à História Cultural. **Revista Territórios e Fronteiras**, Mato Grosso, v.3, n.1, Jan./Jun. 2010. Disponível

em:<http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/57>.

Acesso em: 15 fev.2018.

SADA, Juliana. No Paquistão, a luta pelo direito à educação de meninas. **Centro de Referência em Educação Integral**, 8 jan.2015. Disponível

em:<https://educacaointegral.org.br/reportagens/paquistao-luta-pelo-direito-a-educacao-de-meninas/>. Acesso em 15 fev.2018.